



A EPOPEIA DE GILGAMESH: UM PARADIGMA PRÉ-MODERNO DE AMOR E CASAMENTO DO MESMO SEXO

Autor: José Walter da Silva

Universidade Estadual da Paraíba walterpkin@gmail.com

RESUMO: Observando que a cultura gay e lésbica é frequentemente silenciada e reprimida, e a sua literatura censurada ou deliberadamente disfarçada e destruída, e levando em conta que as fontes que mencionam personagens homossexuais, sejam tais personagens literárias ou históricas, são produzidas por culturas que as discriminam e reprimem, neste artigo abordaremos as linhas que revelam implícita e explicitamente os elementos sexuais e afetivos do relacionamento entre Gilgamesh e Enkidu no intuito de reforçar a argumentação de que a união entre ambos corresponde a uma espécie de casamento formalizado. Palavras-chave: Homoerotismo, casamento, paradigma, epopeia.

1 INTRODUÇÃO

Considerando que a cultura gay e lésbica é frequentemente silenciada e reprimida, e a sua literatura censurada ou deliberadamente disfarçada e destruída, e tendo em vista que até mesmo a *Ilíada* de *Homero* sofreu a supressão de trechos homoeróticos "problemáticos" desde época remota (SPENCER, 1996), no presente trabalho abordaremos as linhas implícita e explicitamente sexuais do relacionamento entre *Gilgamesh* e *Enkidu* no intuito de evocar e realçar a sua singular natureza erótica e afetiva por meio de análise, pesquisa, comparação e interpretação de texto. Em se tratando de personagens homossexuais, sejam elas literárias ou históricas, nunca é demais ressaltar que as fontes que as mencionam são produzidas por culturas que as discriminam e as reprimem (TORRÃO FILHO, 2000). Nesse

contexto é importante resgatar sempre que possível a literatura e história desviante da comunidade gay produzida ao longo dos séculos, tanto como forma de resistência face à opressão quanto como meio de alimentar a autoestima dessa categoria marginalizada de pessoas. Um adendo; com relação às referências sobre as uniões formalizadas entre pessoas do mesmo sexo no passado há que se lidar ainda com mais um obstáculo para além da censura e destruição pura e simples; a tendência heterossexista da 'camuflagem' dessas relações sob o verniz higienizador da 'amizade íntima'. Boswell por exemplo observou em sua pesquisa sobre uniões do mesmo sexo que documentos primitivos foram deliberadamente modificados para que fizessem 'maior sentido' (TORRÃO FILHO, 2000).

A Epopeia de *Gilgamesh* é um dos mais antigos poemas épicos da humanidade cuja



maior parte provavelmente já estava escrita por volta dos primeiros séculos do segundo milênio a.C. e a versão definitiva e completa datando do século VII encontrada em meados do século XIX nas ruínas da biblioteca de *Assurbanipal*, o último grande rei do império Assírio (ANÔNIMO, 2001). É também um dos mais arcaicos registros literários do amor e erotismo entre pessoas do mesmo sexo (TORRÃO FILHO, 2000). Acrescentaremos que se trata de uma extraordinária evidência pré-moderna de um autêntico simulacro de casamento entre dois homens.

Quando os deuses criaram *Gilgamesh* eles o fizeram dois terços deus e um terço homem; ele era terrível como um touro selvagem, arrogante e indomável, não encontrando quem pudesse se opor à sua força, vontade e masculinidade exacerbada e opressora. Isso causava grande aflição ao povo de *Uruk*, cujos lamentos foram ouvidos pelos deuses. Em resposta a este estado de coisas a deusa *Aruru* criou do barro um Adão, para oferecê-lo não a uma Eva, mas a *Gilgamesh*. Este recém-nascido personagem chamado *Enkidu* desempenhará papel crucial junto ao soberano de *Uruk*, mormente dentro do seu coração, guiando-lhe os passos, abrandando sua luxúria, amansando sua violência, inspirando-lhe grandes feitos heroicos e por fim a busca da sabedoria ancestral e imortalidade.

2 METODOLOGIA

Ao pretendermos neste artigo analisar e interpretar alguns elementos da Epopeia de *Gilgamesh* em específico daremos destaque ao vocabulário do amor e simbolismo presente nas imagens eróticas relacionadas ao casamento, transpondo por analogia para as relações de mesmo sexo, consistindo o hodierno método em pesquisa de cunho qualitativo. Partindo filosoficamente do conceito de ‘realismo’ ou ‘essencialismo’ em oposição ao modelo ‘social construtivista’, preferimos aqui dar ênfase aos ‘personagens’ em vez de sobressair os ‘atos’ homoeróticos, ressaltando o caráter meramente descritivo do termo ‘homossexualidade’. Atendendo a tais objetivos e em reforço da nossa proposição empregaremos oportunamente os aportes da crítica literária especializada e teóricos relacionados; *Boswell*, (1994), *Torrão Filho* (2000), *Norton*, (2011), *Ackerman*, (2005).

O referencial teórico oferece uma abordagem comparativa que aprofunda a reflexão acerca dos temas propostos no artigo situando-os na interface da historiografia, literatura e os estudos culturais. Sob este enfoque pode-se observar os componentes homoeróticos do épico emergir de dentro da heterossexualidade presumida imposta pela persistente interpretação histórica normativa tradicional.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 GILGAMESH: BELEZA RADIANTE E MASCULINIDADE COMPULSIVA

Gilgamesh é rei de *Uruk*, a primeira metrópole e centro do mundo civilizado na Mesopotâmia; pioneiro dentre os heróis trágicos, ele é descrito como o homem para quem todas as coisas eram conhecidas, que havia percorrido todas as nações do mundo e aprendido a sabedoria, tendo visto coisas misteriosas e conhecido segredos (ANÔNIMO, 2001). Ele também é um epítome de beleza, vigor sexual e masculinidade. Diversas passagens no épico descrevem a perfeição da sua aparência louvando tais atributos físicos:

"Quando os deuses criaram *Gilgamesh*, deram-lhe um **corpo perfeito**. *Shamash*, o glorioso sol, dotou-o de **grande beleza**; *Adad*, o rei da tempestade, deu-lhe coragem; os grandes deuses tornaram sua **beleza perfeita, superior à de todos os outros seres**, terrível como um enorme **touro selvagem**. Eles o fizeram dois terços deus e um terço homem" (ANÔNIMO, 2001, p. 60, grifos nossos)

Posteriormente a cortesã encarregada de seduzir e domesticar *Enkidu* chamará sua atenção para o charme e encanto sexual de *Gilgamesh*, à semelhança de uma alcoviteira:

"Oh, *Enkidu*, tu, que amas a vida, farei com que conheças *Gilgamesh*, homem de muitas paixões; tu o conhecerás em seu radiante apogeu de virilidade. Seu corpo é perfeito em força e maturidade" (ANÔNIMO, 2001, p. 64)

A grande beleza máscula de *Gilgamesh* despertará a atenção até mesmo da deusa do amor, *Ishtar*, o que lhe causará futuros dissabores:

"*Gilgamesh* lavou seus **longos cabelos** e limpou suas armas; **jogou os cabelos para trás dos ombros**, tirou as roupas manchadas que vestia e trocou-as por novas. Ele colocou seus mantos reais e **os ajustou ao corpo**. Ao vestir a coroa, a gloriosa *Ishtar* elevou seus olhos e divisou **a beleza de *Gilgamesh***" (ANÔNIMO, 2001, p.81, grifos nossos)

Essa admiração pela beleza do herói é sintomática e parece o reflexo de uma cultura que sabia apreciar o amor entre iguais; textos inclusive há que mencionam homens preferindo o papel passivo no sexo



(BOTTERO, 1992).

Para além da formosura, não havia em *Uruk* quem pudesse competir com a força do rei e resistir aos seus desejos; não existiam adversários que pudessem desafiá-lo e a sua arrogância e luxúria eram ilimitados.

"Não há pai a quem tenha sobrado um filho, pois Gilgamesh os leva todos, até mesmo as crianças; e, no entanto, um rei deveria ser um pastor para seu povo. "Sua luxúria não poupa uma só virgem para seu amado; nem a filha do guerreiro nem a mulher do nobre; no entanto, é este o pastor da cidade, sábio, belo e resoluto." (ANÔNIMO, 2001, p. 61)

Essa masculinidade compulsiva que oprime o povo é a razão do clamor dos deuses do céu para que a deusa da criação *Aruru* faça outro igual à *Gilgamesh*, tão parecido com ele quanto seu próprio reflexo; alguém para ser o seu segundo eu, um "coração tempestuoso para outro coração tempestuoso". Os deuses disseram: "Que eles se enfrentem e deixem *Uruk* em paz" (ANÔNIMO, 2001, p. 62)

A deusa imaginou um ser cuja essência era a mesma de *Anu*, o deus do céu, e mergulhando suas mãos na água tomou de um pedaço de barro e o deixou cair na floresta. E assim foi

criado o belo e nobre *Enkidu*.

3.2 ENKIDU: UM ADÃO E UM NOIVO PARA GILGAMESH

Enkidu vivia entre os animais selvagens e não estava apto para a vida na civilização. Caçadores o viram na floresta e amedrontados com aquele homem rústico que ajudava os animais a fugir das armadilhas, pediram ajuda à *Gilgamesh*. O soberano aconselhou que levassem até o desconhecido uma prostituta do templo para seduzi-lo a fim de que ele deixasse de viver entre os animais (TORRÃO FILHO, 2000).

A prostituta sagrada, depois de ensiná-lo a se comportar como homem social exclamará que ele se parece com um **deus**; após escovar os cabelos emaranhados, untar-se com óleo e vestir roupas humanas dirão que ele se assemelha a **um noivo**. Mais tarde caminhando pelas amplas ruas de *Uruk* as pessoas se comprimiam e se acotovelavam para vê-lo e, falando dele, diziam: "Ele é a imagem de Gilgamesh" (ANÔNIMO, 2001, p.67).

Apesar de *Enkidu* ter sido 'domesticado', ele próprio foi criado pelos deuses para domesticar *Gilgamesh*; o enfrentamento deles se dá justamente no dia em que o soberano de *Uruk* se dirige ao leito nupcial para impor a sua lei que garante que ele possa desvirginar a



noiva antes do marido; *Enkidu* bloqueia-lhe a passagem diante dos portões da casa, impedindo a consumação do ato. O costume de usufruir das noivas alheias para *Gilgamesh* se encerrará aqui.

3.3 OS SONHOS DE GILGAMESH: ASPIRAÇÃO À UNIÃO DO MESMO SEXO

Antes da chegada de *Enkidu* o soberano de *Uruk* relata dois sonhos proféticos à sua mãe, a deusa *Ninsun*:

"Então *Gilgamesh* se levantou para contar o sonho que tivera à sua mãe, *Ninsun*, uma das deusas de grande saber. "Mãe, tive um sonho esta noite. Eu me sentia muito feliz, cercado de jovens heróis, e caminhava pela noite sob as estrelas do firmamento. Um meteoro, feito da mesma substância de *Anu*, caiu do céu. Tentei levá-lo do chão, mas era pesado demais. Toda a gente de *Uruk* veio vê-lo; o povo se empurrava e se acotovelava ao seu redor, e os nobres se apinhavam para beijar-lhe os pés; **ele exercia sobre mim uma atração semelhante à que exerce o amor de uma mulher.** Eles

me ajudaram; levantei seu corpo com o auxílio de correias e trouxe-o à vossa presença, e vós declarastes ser ele meu irmão" (ANÔNIMO, 2001, p. 65, grifos nossos)

A interpretação do sonho segundo a deusa é que ele prenuncia a chegada de um companheiro, criado especialmente para ele, para estimulá-lo assim como um agulhão e uma espora fazem avançar o garanhão, e prestar ajuda nas horas de necessidade. *Ninsun* confirma que *Gilgamesh* vai amá-lo **como a uma mulher** e ele jamais irá abandoná-lo.

No segundo sonho o soberano de *Uruk* descreve um estranho machado deitado no chão da cidade, ao redor do qual as pessoas se amontoavam.

"Eu o vi e fiquei contente. Eu me abaixei, **sentindo-me profundamente atraído por ele; eu o amei como a uma mulher e passei a levá-lo comigo, ao meu lado.**" *Ninsun* respondeu: "Aquele machado que viste, que te atraiu tão profundamente como o amor de uma mulher, aquele é o companheiro que te envio, e ele chegará com força e pujança como um deus da hoste celeste" (ANÔNIMO,



2001, p. 65, grifos nossos)

Acadêmicos observaram trocadilhos, ambiguidades e jogos de palavras ocultos no simbolismo do **meteoro** e do **machado** (KILMER, 1982); o termo acadiano *kisru* (meteorito) é foneticamente similar à *kezru* (prostituto de cabelos cacheados, a contraparte masculina de **Kezertu**, prostituta), e *Hassinnu* (machado) é semelhante à *Assinnu*, (eunuco, homossexual passivo ou sacerdotisa transgênero a serviço de Ishtar). O machado também pode conter uma insinuação de castração dado que *Assinnu* eram geralmente castrados (KILMER, 1982), e o meteorito implicaria em uma associação com a feminilidade, posto que é consagrado a diversas deusas tais como Cibele por exemplo (GREENBERG, 1988). De acordo com Torrão Filho (2000) o poema foi escrito para ser declamado ou cantado, por este motivo a ambiguidade deveria ser ainda mais flagrante. O significado implícito de tais sonhos sugere que *Enkidu* chegará para **seduzir** sexualmente (*Kezru*) *Gilgamesh* assumindo por seu turno o papel **feminino** (*Assinnu*) na cama.

3.4 CASAMENTOS: COABITAÇÃO, AMOR, SEXO E RITO

Ao ser informado de que *Gilgamesh* celebraria as núpcias com a 'rainha do amor' no episódio do confronto é dito que *Enkidu*

empalideceu; a largas passadas ele entra em *Uruk* das poderosas muralhas e no meio da rua se postou no caminho do rei, diante do portão. Esticou o pé para impedir-lhe a entrada; os dois se atracaram como touros. Destruíram a porta da casa e fizeram tremer as paredes; os batentes foram despedaçados. *Gilgamesh* fincou os pés no chão, dobrou o joelho e derrubou *Enkidu*; a luta liberou uma catarse e a raiva se desvaneceu de imediato. Cheio de admiração *Enkidu* exaltou *Gilgamesh*; "Não há ninguém como tu no mundo". *Gilgamesh* e *Enkidu* se abraçaram. (ANÔNIMO, 2001,67). Haverá aqui um eufemismo implícito para uma relação sexual seguida do orgasmo e posterior relaxamento? O que se sabe é que a partir de então os dois tornam-se companheiros inseparáveis. *Gilgamesh* fará com que *Enkidu* literalmente se deite em 'um leito real', recline-se em um divã à esquerda do trono e, por fim, obrigará os príncipes da terra a beijarem seus pés. Não se percebe, significativamente, nenhum interesse erótico vindo da parte de ambos por mulheres após esse evento; a prostituta que acompanha *Enkidu* é esquecida e só voltará a ser mencionada durante a agonia da enfermidade que precede a morte dele, e mesmo assim só será evocada em gratidão por ser a responsável por tê-lo trazido até *Gilgamesh*. As noivas prometidas ao soberano de *Uruk* são igualmente negligenciadas;



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Gilgamesh e *Enkidu* passam os dias a se engajar em aventuras masculinas, a pelejar com monstros e desafiar os deuses. São vistos a andar de mãos dadas, aconselham-se mutuamente, encorajam-se, abraçam-se frequentemente. Em diversos momentos o épico se refere ao relacionamento deles por meio de analogias que remetem à relação entre marido e mulher:

-O verbo *Hababu* (acariciar, amar) é usado tanto no contexto sexual envolvendo *Enkidu* e a prostituta sagrada quanto no episódio dos sonhos eróticos subliminares de *Gilgamesh* relacionados à chegada de *Enkidu*.

-Durante o luto pela morte do companheiro, em meio à sua dor lancinante *Gilgamesh* reivindica ser uma viúva enlutada.

-*Gilgamesh* cobre o rosto de *Enkidu* morto com um véu, como se faz com uma noiva (ACKERMAN, 2005).

Uma notável evidência gráfica e explícita de relação sexual entre *Gilgamesh* e *Enkidu* apareceu à luz de um manuscrito sumério predecessor ao épico, conhecido por "Gilgamesh e o mundo dos mortos". Esses versos na tábua XII descrevem o retorno do espírito de *Enkidu* do submundo e retratam uma conversa íntima entre ele e *Gilgamesh*:

"Se eu vou lhe contar as leis do mundo dos mortos que eu vi, sente-se e chore.

-Então, deixe-me sentar e

chorar.

-Meu amigo o pênis que você tocou e seu coração regozijou-se, os vermes devoram como uma roupa velha.

Meu amigo, a virilha que você tocou e seu coração regozijou-se, está cheia de poeira tal como uma rachadura no chão" (GEORGE, 2003,p.774)

O assiriólogo *Thorkild Jacobsen* nos anos 20 foi o primeiro acadêmico a defender que o relacionamento entre *Gilgamesh* e *Enkidu* deveria ser entendido como sendo de natureza sexual (ACKERMAN, 2005). Com efeito, o conjunto das evidências implícitas e explícitas no texto parece suportar a ideia de que não apenas *Gilgamesh* e *Enkidu* mantinham relações sexuais; tais evidências sugerem que eles eram de fato casados. De acordo com *Rictor Norton* (2011), existem abundantes precedentes históricos confirmando a prática de casamentos do mesmo sexo e uma tradição e história neste sentido que remonta a centenas de anos. *Norton* analisou três paradigmas típicos de casamento do mesmo sexo na antiguidade, passíveis de se sobrepor na prática, apesar de distintos; a relação do mestre e aluno (pederastia), o paradigma do amigo fiel ou irmão juramentado, e o modelo inspirado no casamento heterossexual (marido

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



e esposa). A conexão especial entre *Gilgamesh* e *Enkidu* enquadra-se sem dúvida no paradigma do 'irmão juramentado'. A este respeito é esclarecedor reportar-nos à pesquisa inspiradora de *Boswell* sobre as uniões do mesmo sexo em períodos pré-modernos; segundo o autor, o casamento nas civilizações antigas era muito diferente do que é atualmente e os padrões das relações estáveis manifestavam-se de muitas formas, abrindo a possibilidade para incluir arranjos formalizados que assumiram a aparência de ritos de fraternidade (BOSWELL, 1995).

O termo 'irmã' e 'irmão' com significado de 'esposa' ou 'amante' é encontrado em passagens bíblicas diversas, bem como em textos babilônicos:

"Enlevaste-me o coração,
minha irmã, noiva minha;
enlevaste-me o coração
com um dos teus olhares,
com um dos colares do teu
pescoço" (Ct 4.9)

Norton por seu turno aplica à definição de casamento homossexual quatro características que servem de guia na busca de provas e evidências históricas para identificar um casamento do mesmo sexo pré-moderno; coabitação, apreço mútuo, sexo e ritualística ou formalização. Todas as quatro estão presentes no épico, sendo que a última se

expressa sob a forma de um pacto de adoção que torna *Enkidu* irmão de *Gilgamesh*, celebrado pela deusa *Ninsun* no templo:

"Amigo, vamos para o Grande Palácio, para Egalmah, e postemos-nos diante de Ninsun, a rainha. Ninsun tem profunda sabedoria; ela nos aconselhará quanto ao caminho que devemos tomar." Dando-se as mãos, eles seguiram a Egalmah e se dirigiram à grande rainha Ninsun" (ANÔNIMO, 2001, p. 71)

O ritual representa a formalização da união amorosa e tal como acontece com casais heterossexuais, os heróis se tornaram parentes.

A deusa mãe, cingindo longo e luxuoso vestido, coberta de joias, se dirige ao altar do sol e acende incensos:

"Ninsun, a mãe de Gilgamesh, extinguiu então o incenso e chamou Enkidu com a seguinte exortação: "Poderoso Enkidu, não és filho do meu corpo, mas recebo-te como filho adotivo; és meu outro filho, como os bebês abandonados no templo. Serve a



Gilgamesh como estas crianças servem ao templo e à sacerdotisa que os criou. Na presença de minhas servas, de meus sacerdotes e hierofantes, eu o declaro." Ela colocou então em torno de seu pescoço o amuleto do juramento e disse-lhe: "Eu te confio meu filho; traze-o de volta para mim em segurança."

(ANÔNIMO, 2001, p. 72)

3.5 A DEUSA REJEITADA E A MORTE DE ENKIDU: UM LUTO DE VIÚVA

O clímax dramático, o ponto de virada na epopeia do poderoso soberano de *Uruk* dá-se por ocasião do triste fim de *Enkidu*. Doravante *Gilgamesh* perturba-se sobremaneira em face da dissolução da vida e tem de se enfrentar com o próprio medo de morrer. O luto desmedido reforça ainda mais uma vez os indícios sobre a existência de um casamento apaixonado entre eles em contraste com uma simples amizade ou amor platônico. Essa morte do bem-amado companheiro fora enviada pelos deuses, em represália a insultos direcionados à deusa *Ishtar*. A grandiosa senhora do amor e da guerra havia posto os olhos cobiçosos em cima de *Gilgamesh* após a batalha dele contra o monstro da floresta de cedros, e lhe propôs casamento, impulsiva e

apaixonada. Ele, porém **recusa** o matrimônio e desdenha dela ostensivamente. Ao ser rejeitada *Ishtar* é tomada por uma cólera implacável e exige dos deuses o touro do céu para destruir *Uruk*, sob ameaça de trazer os mortos do inferno para devorar os vivos caso não lhe atendam as exigências; a besta é então levada à terra mas é morta em seguida por *Enkidu* e *Gilgamesh*. Frustrada novamente, a deusa escala as muralhas de *Uruk* e do alto joga uma maldição sobre *Gilgamesh*. Cheio de zelo, raiva e possivelmente ciúmes, *Enkidu* confronta a deusa sua rival e lança-lhe uma grave ofensa à face:

"Enkidu arrancou a coxa direita do touro e atirou-lhe ao rosto, dizendo: "Se pudesse colocar minhas mão em ti, é isso que te faria, e açoitaria com as entranhas o teu corpo."

(ANÔNIMO, 2001, p. 84)

Alguns dias mais tarde em decorrência dessa injúria *Enkidu* morrerá vítima de uma enfermidade dolorosa. A cena final é pungente e doce; à cabeceira do leito, *Gilgamesh* toca o coração de *Enkidu*, mas ele já não bate e seus olhos não tornam a abrir. *Gilgamesh* estende um véu para cobrir *Enkidu*, tal como o noivo cobriria a noiva. E se pôs a urrar em desespero, a desabar sua fúria como uma leoa cujos filhotes lhe foram roubados. Vagará ao redor da cama, transido de dor, arrancará os



cabelos, despindo-se do manto de rei e atirando-o ao chão. Por sete dias e sete noite ele lamentará e chorará por *Enkidu*, se recusando a enterrá-lo. Por fim um verme cairá da narina do morto; somente então *Gilgamesh* entrega *Enkidu* à terra:

"Gilgamesh então mandou proclamar um edito por todo país. Ele convocava todos os caldeireiros, ourives e pedreiros e os intimava: "Fazei uma estátua de meu amigo." A estátua foi moldada com grande quantidade de lápis-lazuli no peito e de ouro no resto do corpo. Foi então montada uma mesa de madeira de lei, e em cima dela foram colocadas uma tigela de cornalina cheia de mel e uma de lápis-lazuli contendo manteiga. Gilgamesh as ofereceu ao Sol, e, chorando, partiu" (ANÔNIMO, 2001, p.91)

CONCLUSÃO

Ao abordarmos o vocabulário específico e, mormente as imagens inequivocamente eróticas e nupciais ('noivo', 'noiva', 'viúva', 'mulher', 'amar, acariciar') empregadas para

descrever a afeição entre *Gilgamesh* e *Enkidu* na epopeia extraímos um raro vislumbre de romance e amor apaixonado entre pessoas do mesmo sexo na literatura antiga; dentre os elementos do texto destacamos como sendo de particular relevância os sonhos carregados de simbolismos sexuais de *Gilgamesh*, os trocadilhos, ambiguidades e jogos de palavras ocultando significados homoeróticos, um 'Adão' criado para ser a alma gêmea de outro homem, as cenas de ciúmes e zelo entre os dois amigos, o rito de irmandade e a formalização da união no templo do sol, a recusa da proposta de casamento da deusa *Ishar*, o luto pelo companheiro morto.

Conforme anteriormente discutido, o conjunto das evidências sugere que *Enkidu* era de fato o amado de *Gilgamesh* e a natureza da sua relação não deve ser reduzida a uma amizade masculina; parece menos enganoso afirmar que eles viveram juntos como marido e mulher em *Uruk*, a cidade das grandes muralhas.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Susan. **When Heroes Love: The Ambiguity of Eros in the Stories of Gilgamesh and David.** New York: Columbia University Press, 2005.



ANÔNIMO. **A Epopeia de Gilgamesh**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOSWELL, John. **Same-sex Unions in premodern Europe**. New York: Vintage Books, 1995.

BÍBLIA SAGRADA. A.T. **Cânticos**. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1982. Cap. 4.9, p. 496.

BOTTÉRO, Jean. **Everyday Life in Ancient Mesopotamia**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

GEORGE, A.R. **The Babylonian Gilgamesh Epic**. Introduction, Critical Edition And Cuneiform Texts. Volume II. New York: Oxford University, 2003.

GREENBERG, David F. **The Construction of Homosexuality**. Chicago & London: The University of Chicago, 1988.

NORTON, Rictor. **Paradigms of Same-Sex Marriage in the Long Eighteenth Century**. Presentation given at the “After Marriage in

the Long Eighteenth Century” Seminar at the University of Kent, Canterbury, on 4 November, 2011.

KILMER, Anne Drafkorn. A note on an overlooked Word-play in the Akkadian Gilgamesh. In KRAUS, F. R. (org). **Zikir Sumim**. Volumen quintum. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1982.

SPENCER, Colin. **Homosexuality: A history**. London: Fourth Estate, 1995.

TORRÃO FILHO, Amilcar. **Tríbadés Galantes, Fanchonos Militantes**. Homossexuais que fizeram história. São Paulo: Edições GLS, 2000.